



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa • Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Uma remodelação necessária

Temos dito que a *A Batalha* em 1 de Outubro próximo começará a publicar-se com quatro páginas, sofrendo nessa ocasião uma remodelação completa.

A *Batalha* é o melhor propagandista do sindicalismo revolucionário. Podemos dizer afoitamente que os dois anos e tanto da sua existência tem influido poderosamente na marcha do proletariado para a conquista do progresso, e influido bastante no nosso meio social.

Entretanto a sua forçada redução de páginas tirou-lhe algumas das probabilidades de penetração em todos os meios, porquanto reduzidos foram os assuntos que ventilava e reduzido foi o interesse público.

Urge, portanto, dar-lhe o máximo desenvolvimento, tornando-a necessária a toda a gente, formando adeptos em todos os meios. Nas duas resumos páginas que possuímos mal nos chega o espaço para os assuntos corporativos, de forma que todas as outras questões que, não sendo do carácter corporativo interessam, no entanto, não só ao grande público como ao próprio operário tem de ser postas de parte. Assim *A Batalha*, compreendendo-o bem, não satisfaz ao operário, porquanto este, além dos assuntos que lhe dizem respeito directamente, quer saber o que se passa na política, na arte, nas letras, etc.; não satisfaz, ou melhor, pouco pode interessar ao que não é operário porquanto trata quasi exclusivamente de assuntos económicos e corporativos.

A *Batalha* possui uma missão mais alta do que a de relatar o que se passou na reunião do sindicato. A ou da Federação B. A *Batalha* é um jornal de propaganda revolucionária e não renovadora e forte. A *Batalha*, portanto, para estar à altura

da sua missão tem de se introduzir em todos os meios, em toda a parte. E' preciso que ela penetre no parlamento e interesse os parlamentares — quanto mais não seja prendendo-os pelas críticas que lhes façamos —; que entre no tugúrio do pobre e no salão do rico; em casa do médico e do homem de desporto; do varredor das ruas e dos ministros; do camponês e do sábio. E não é em duas acanhadas páginas que se agitam questões que seduzam, que prendam a atenção de todas as classes.

A *Batalha*, sendo o jornal da classe trabalhadora em especial, deve ser útil à população portuguesa em geral. Quando *A Batalha* conseguir esse objectivo, poderemos dizer que ela está à altura da sua missão renovadora.

E' esse caminho que pretendemos trilhar do próximo dia 1 em diante. No dia 1.º daremos o primeiro grande passo. Depois, com o auxílio dos nossos amigos e da classe operária em especial, esperamos dentro em pouco poder manter um verdadeiro jornal, moderno, de agradável leitura.

Cumpra agora aos verdadeiros revolucionários, aos homens livres e desejosos dum mundo mais belo, mais igualitário fazer a propaganda constante da *Batalha*, não só recomendando-a a todos os amigos e camaradas, como auxiliando-a na medida do possível.

Os que trabalham nestas oficinas têm uma grande tarefa no futuro e estão dispostos a fazer tudo quanto nas suas faculdades couber para engrandecer *A Batalha*.

Oxalá o operariado e os nossos leitores saibam, por sua vez, contribuir por todas as formas para o desenvolvimento de um dos poucos jornais honestos que existem em Portugal.

A fome na Rússia

Aos operários alfaiates

De harmonia com a deliberação da última assembleia geral, a direcção da Associação dos Operários Alfaiates convida a classe a vir hoje, à sede sindical, concorrer no máximo das suas posses para a grande subscrição iniciada pela C. G. T., destinada a socorrer os nossos camaradas da Rússia, vítimas da mais negra fome que um gesto de activa revolta destruiu as algemas czaristas que há longos séculos os oprimiam.

Espera a direcção que a classe demonstre de forma inequívoca o seu alto espírito solidário para com essas vítimas da reacção burguesa, que tam valentemente iniciaram a marcha para a sua libertação.

Os elementos dedicados da indústria da construção civil que queiram dedicar-se à tarefa de angariar entre a classe donativos para os camaradas russos, podem dirigir-se ao Sindicato Unico da C. C., todos os dias, das 21 às 23 horas, a fim de receber as respectivas listas.

Impressões de Viseu

A BATALHA dedicará amanhã uma página à cidade de Viseu, onde se realizou o VII Congresso Nacional dos Empregados no Comércio.

O nosso enviado especial ao referido Congresso colheu interessantes impressões acerca da referida assembleia, do meio social, visiente, da arte, do povo, do operariado, das mulheres e da paisagem, que amanhã serão largamente relatadas.

Contra o servilismo da União DO Professorado Primário Oficial

O nosso artigo de domingo sobre o professorado primário oficial e a propósito da resposta da comissão executiva da União às acusações do senador Silva Barreto, deu-nos o ensejo de conhecer os professores que entre nós possuem a compreensão nítida da sua função social.

O professor do Carvalho sr. Antonio Moura, na sua carta ontem publicada, achou que fomos injustos nas nossas apreciações, sendo algumas delas de tal modo iníquas que a esta hora já devemos ter batido no peito contritos.

Devemos dizer-lhe que não estamos arrependidos da crítica que fizemos à classe do professorado primário oficial. O facto de haver excepções na classe não prova a injustiça das nossas apreciações. Não serão quatro professores — tantos são os que até hoje tem repellido a deprimente resposta da comissão executiva da União — que se mostram conscientes do seu papel que podem isentar uma classe das responsabilidades que sobre ela pesam.

Até agora, sr. Antonio Moura, só quatro — reparem bem, — só quatro professores se manifestaram revoltados com a atitude dos corpos directivos da associação que representam a classe, e que tam servilmente se rastejaram ante o senador que se permitiu fazer afirmações idiotas a propósito da classe!

Só quatro, contando com o autor do seguinte artigo que o corróio acaba de nos trazer.

Ao lado da Justiça, ao lado de Canhão Júnior

Ao ler as palavras de Canhão Júnior a propósito dos ataques do sr. Silva

Barreto à classe do professorado, postos em foco, com a melhor das intenções, pela *Batalha*, não posso conter-me. Abraça esse colega destemido se o tivesse junto a mim, porque compreendo e sinto que defende a razão mais alta, a verdade mais alta, sem pestanejar, diante de todos, e, nobremente, heróicamente, reclama para si o título de sindicalista, oferecendo-se, como apóstolo, à ira, à vingança do sr. Silva Barreto e a todas as consequências que daí possam derivar.

Nós, os professores como ele, que sentimos cá dentro a mesma labareda de justiça, de amor da humanidade, de atracção para o que é grande e bom, belo e verdadeiro, não devemos deixá-lo sozinho. E' tam glorioso, tam excelente, tam bom acompanhar, nos sorrisos e nas lágrimas, nos sofrimentos e nas apoteoses aqueles que nos são caros pelo ideal que adoram como nós, pelas aspirações magníficas que nos fundem no cadinho das nossas almas.

Estou ao lado de Canhão Júnior, para o acompanhar até onde seja necessário, ainda que tenha de passar por sobre todos os preconceitos, por sobre a florista das lanças afiadas constituída pelas censuras, imprecações e insultos de todos os conservadores, de todos os despotas, de todos os maus.

Sou sindicalista, sou revolucionário como Canhão Júnior, e sinto-me bem, porque entendo que, assim, é a melhor maneira, a mais eficaz, a mais generosa, a mais alta e iluminada de colaborar no aperfeiçoamento social, na felicidade das novas gerações, no triunfo do bem.

Cá da terra mais alta de Portugal eu

NO FUNCHAL

As autoridades ao lado dos moageiros

Os que querem a livre importação de farinhas são metidos na cadeia

Juntamente com outro indivíduo, encontrado-se preso na cadeia do Funchal o camarada tanoelino João Luis Faria.

Dos motivos da prisão prometemos informações detalhadas. A ela, parece, se refere um manifesto que temos presente assinado por «um grupo de lunchalenses» e de que recortamos o seguinte período:

«Abusando da fraqueza do governo central, e agora aliado dos exploradores do povo, que são todos os que guereiam a livre importação de farinhas, ainda tem a audácia de mandar para a cadeia, acusados de crimes por eles inventados, algumas dúzias de indivíduos que contra a sua administração escandalosa e contra a infame exploração moageira tiveram a ombridade de se revoltar um dia.»

endereço as minhas saudações mais calorosas ao nobre colega que tam altivamente, tam corajosamente soube afirmar-se tal como é, numa época em que as palavras sindicalista e revolucionário escaldam ainda os lábios de muitos, e lembro aos colegas, a quem isto pareça ouso, ou extremismo perigoso, estas palavras que Mauricio Maeterlinck fez brilhar no seu opúsculo *O nosso dever social*. «Não temamos ser arrastados para muito longe... Os nossos excessos, relativos ao futuro, são necessários ao equilíbrio da vida. Muitos homens, em volta de nós, tem o dever exclusivo, a missão expressa de apagar os fogos que nós acendemos.»

Guarda, 20-9-921.

Mário de OLIVEIRA

Proletários, prestai o vosso auxílio aos russos famintos!

Impõe-se como um dever, o maior dever do momento, auxiliar com donativos os nossos camaradas russos. Milhões de homens, mulheres e crianças tem as suas vidas dependentes da atitude do proletariado mundial.

Recusar-lhes o auxílio equivale a declararem-se solidários com a burguesia, a quem os sofrimentos do povo russo regosijam.

Esperamos que hoje, sábado, ao receber a sua fêria, os trabalhadores portugueses saibam cumprir o seu dever de humanidade, descontando um escudo para socorro ao povo russo e indo entregar os seus donativos aos seus respectivos sindicatos ou à administração de A BATALHA.

A imensa desgraça que atingiu a Rússia seria um raio que fulminaria a revolução, se os proletários de todo o mundo se não apressassem a socorrê-la.

Os novos tipos de pão

não começaram a vigorar ainda amanhã

Da Arcada é-nos enviada a seguinte notícia:

«Os padeiros de Lisboa estão espalhando que começam amanhã a vigorar os novos tipos de pão, com aumento de preço deste género. E' absoluta mente falso, parecendo que esse boato tem fins tendenciosos.

«Pelo novo regime, que só para a semana poderá entrar em execução, o actual pão de segunda qualidade passa para terceira, mantendo o seu preço de 40 centavos; o de primeira passa para segunda e desce de 1520 a 62 centavos. O novo tipo de pão fino vender-se há a 2 escudos, mas será apenas consumido nos hotéis, restaurantes, casas de pasto, etc.»

As federações metalúrgica e da construção civil protestam contra o aumento do preço do pão

O conselho federal da Federação Metalúrgica, reunido em sessão ordinária e apreciando a grave questão do preço do pão, resolveu, depois de ser atacada asperamente por todos os delegados presentes, protestar contra tam nefando atentado à economia doméstica do povo, o qual já se vê embaraçado com uma insustentável situação, criada pelas forças vivas da nação. Resolveu também apoiar todo o movimento que se venha a realizar contra a carência constante do custo de vida.

Igualmente a Federação Nacional da Construção Civil resolveu lançar a público o seu veemente protesto contra o aumento de preço do pão que acaba de se fazer e que tanto vai agravar os lares dos trabalhadores, convidando todos os sindicatos aderentes e suas secções a manifestarem os seus protestos em sessões magnas ou assembleias. Em breves dias distribuirá um manifesto sobre tam magno assunto.

“OS LUZIADAS”

A Biblioteca Nacional acaba de reimprimir a 1.ª edição desta obra

A Biblioteca Nacional acaba de publicar um valioso volume — *Os Luziadas* de Luis de Camões.

O obra maravilhosa do épico português que todos citam e da qual todos sabem alguns trechos, é assim vulgarizada na sua escrita primitiva.

O que existe portanto de valioso no volume que a Biblioteca Nacional acaba de pôr à venda é a reimpressão «fac-similada» da 1.ª edição dos *Luziadas*, de 1572. Vimos assim reproduzida com exactidão uma edição rara.

Oxalá o director daquella utilíssimo estabelecimento continue a fazer com outros autores o mesmo que acaba de fazer com Luis de Camões, o que serviria para a divulgação de curiosas edições antigas.

A NOVELA VERMELHA

é uma colecção de obras literárias, pequenas, de linguagem simples e de intuídos aproveitados, que os trabalhadores manuais e intelectuais devem ler e divulgar

U. S. O.

Na sua última reunião, o Conselho de Delegados ocupa-se do projecto que cria três tipos de pão

Sob a presidência de Carlos Fortes, delegado do Pessoal da Carris de Ferro, secretariado por Manuel Marques e Alvaro Monteiro, respectivamente delegados dos Chapelheiros e Barbeiros, reuniu o Conselho de Delegados da U. S. O.

Do expediente apenas consta um officio do Sindicato do Pessoal da Carris nomeando delegado adjunto o camarada Antonio Loureiro, em substituição do ex-delegado José Augusto Martins.

Uma importante oferta do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército à Biblioteca Sindical

O secretário geral comunica ao conselho a inauguração da biblioteca operária na sede da União, dando ao mesmo tempo conhecimento ao conselho de uma oferta feita pelo sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e que consta da abertura de um crédito em uma das livrarias onde aquele sindicato gasta os livros para a sua biblioteca, além de a União poder ir buscar livros para a biblioteca operária, auxiliando assim a U. S. O. no seu empreendimento.

Alberto Monteiro aplaude o gesto dos arsenais, lastimando que os restantes sindicatos não possam imitá-los. Alvaro Monteiro, propõe que a União officie as camaradas arsenais agradecendo o seu gesto e a sua boa vontade em auxiliar a biblioteca operária.

Eduardo Jorge dá conhecimento ao conselho de que o sindicato que representa, em sua assembleia ultimamente realizada, encarregou os delegados do conselho da União tratarem da falta de casas, carestia da vida, baixa de salários e crise de trabalho.

O novo regime cerealífero vem agravar ainda mais a situação do povo consumidor

Sobre a ordem de trabalhos — a questão do pão — o secretário geral, diz que a comissão administrativa já convocou a conselho para tratar da lei que estabeleceu três tipos de pão, lastimando que essa reunião não se tenha dado, pois que outros agrupamentos tem protestado contra a criação de três tipos de pão, e sendo a U. S. O. representante do povo operário de Lisboa, tem de afirmar o seu protesto contra essa lei que vem agravar ainda mais a situação do povo consumidor.

Alfredo Pinto lembra que os manipuladores tem agora uma boa ocasião para se afirmarem e de l'vantar o seu protesto, não aceitando a farinha adulterada para a manipulação, e recusando-se a manipular o pão inferior que, como se deverá calcular, será intragável.

Raul Baptista, delegado do S. U. Metalúrgico, diz que não são os manipuladores de pão os culpados, mas sim o lavrador, a moagem e os governantes que fornecem essas farinhas. A massa operária consumidora é que se deve revoltar.

Alberto Monteiro é da mesma opinião.

Conferência ferroviária

Uma sessão no Vale do Vouga

SARNADA, 21. — Na sede da Associação de Classe do Pessoal do Vale do Vouga realizou-se ontem, pelas 23 horas, uma sessão preparatória da Conferência Ferroviária. Presidiu o camarada Joaquim Francisco de Pinho, secretário por José Augusto Pires e Eurico Bastos Lemos.

Expostos pelo presidente os fins da assembleia usou da palavra em primeiro lugar Manuel Joaquim de Sousa, que expôs a intenção da C. G. T. ao provocar a Conferência Ferroviária, demonstrando a necessidade dos ferroviários se organizarem mais completamente do que actualmente estão, devendo para isto constituir a sua Federação de Indústria, único organismo capaz de unificar a acção dos ferroviários de Portugal. Referiu-se ao Congresso Ferroviário e ao alto significado que elle deve ter e desenvolveu os fins a que a acção da C. C. T. visa. No final o discurso do secretário geral da C. G. T. foi muito aplaudido.

Miguel Correia apresenta as suas credenciais de delegado dos ferroviários do Sul e Sueste e C. P. e como membro da Comissão Organizadora da Conferência e por consequência delegado da C. G. T., enceta as suas considerações sobre as condições morais da classe ferroviária, referindo-se em especial ao estado de atraso em que os ferroviários da Beira Alta se encontram, cuja situação profissional é deprimente, sendo necessário que os ferroviários das outras linhas levem a cabo as camaradas a organização e a propaganda de que eles necessitam.

Expõe o que será a Conferência Ferroviária, os trabalhos que lhes vão ser submetidos e a conveniência material e dever moral de todos os ferroviários darem afeição a sua dedicação.

Sobre o Congresso Ferroviário, diz que terá trabalhos muito importantes a realizar, em especial a constituição da Federação, que tem de corresponder às necessidades e aspirações de todos os ferroviários de Portugal e Colónias.

Incita os ferroviários do Vale do Vouga a nomearem os seus delegados à Conferência e a seguirem com atenção e cuidado os trabalhos da mesma.

Falando novamente o camarada presidente disserta sobre a situação do pessoal do Vale do Vouga e pede a assembleia que indique os delegados à Conferência.

Falam ainda os camaradas Vieira Marques e outros que se referiram ao assunto apresentado e ao desejo que anima os ferroviários do Vale do Vouga em trabalharem em conjunto com os restantes ferroviários do país.

Seguidamente foram nomeados os delegados à Conferência Ferroviária, encerrando-se a sessão.

Manuel Joaquim de Sousa e Miguel Correia retiraram-se pelas 11,20 horas para Mirandela, não se realizando outra sessão em Espinho por a ter a Associação do Vale do Vouga julgado dispensável.

Hoje realiza-se uma sessão em Mi-

Propaganda sindicalista

Operários Mobiliários do Porto

PORTO, 21. — E. — No passado domingo effectue-se em Avintes, na sede da 1.ª Secção do Sindicato Unico Mobiliário do Porto, e promovida por este organismo, uma sessão de propaganda sindicalista, que esteve muito concorrida.

Aberta a sessão às 11 horas, sob a presidência do camarada Antonio de Almeida Pereira, secretariado pelos camaradas Joaquim Ferreira dos Santos e João Santos Silva, aquele camarada explica os fins que tem estas sessões de propaganda e faz votos para que elas continuem para nos educarmos revolucionariamente.

Em seguida Emilio Teixeira, do S. U. M. do Porto, com palavras cheias de entusiasmo e enérgicas, incita os mobiliários a organizarem-se sindicalmente, pois que os operários só dentro dos seus organismos poderão salvaguardar os seus direitos e nra a protopetia patronal.

Anastácio Ramos, da Juventude Sindicalista, fez uso da palavra perto duma hora. Teve palavras de verdadeiro militante, começando por saudar os jovens mobiliários, pois são eles que hão de preparar a próxima revolução, e fez-lhes sentir a necessidade de organizarem a Secção de Juventude Sindicalista daquela localidade para desde já se irem preparando para a grande luta e abandonarem a taberna e a prostituição, tendo ainda palavras que foram coroadas de grandes ovacões.

Alvaro Cerdeira declara falar individualmente, mas, como trabalhador, diz ser seu dever estender a propaganda até onde for preciso.

Aconselha aos mobiliários que se unam e se fortaleçam para estarem prontos contra as tentativas do patronato universal, e apela para não abandonarem o Sindicato e para dar-lhe toda a vida de que elle carece.

Almeida Pereira, em breves palavras, encerra a sessão fazendo votos para que os mobiliários não se esqueçam das palavras pronunciadas pelos camaradas transactos.

Nesta reunião, ficou nomeada uma comissão para organizar um Secção da Juventude Sindicalista, terminando às 14 horas, no meio de grande entusiasmo.

Mineiros de Aljustrel

ALJUSTREL, 22 — C. — Na passada quarta-feira, pelas 20 horas, na Associação dos Mineiros, effectue-se uma sessão de propaganda sindical, na qual tomaram parte os camaradas João de Matos e Artur Aleixo de Oliveira, delegados da C. G. T.

Os oradores referiram-se à carestia da vida e à má conservação das minas que estão em estado de ruína, como foi confirmado pelos mineiros presentes. Alargaram-se em considerações sobre a organização dos mineiros, fazendo sentir a necessidade de todos se organizarem para a defesa dos seus interesses.

A sessão esteve muito concorrida.

randela, no dia 25 na Régua, no dia 26 em Viana do Castelo, em 27 em Guimarães, em 28 em Penafiel e em 30 na Póvoa de Varzim.

DE BOM HUMOR

Obras de misericórdia

Se uma delas é castigar os que erram, outra vem a ser consolar os tristes.

Castiguem-se, portanto, aqueles que errarem, mas não se lhes recuse o consolo moral da piedade no transe doloroso da recepção do castigo.

Consolamos, pois, os pobres banqueiros implicados no caso dos cinquenta milhões de dollars, adstrito ao *Crédito d'Anvers* — duas partes d'um grande todo de misérias, que outro nome não se pode dar às combinações infernais que resultam da sede terrível do ouro.

Anteontem, à hora em que sobre Lisboa se desencadeava uma tormenta medonha da natureza e os trovões retumbantes e profundos se sucediam a curtos intervalos, no vetusto e sombrio edificio da Boa Hora, que é o templo sagrado da justiça que ali põe os pés raras vezes, afixaram-se, em mil contos cada um, quatro dos nossos mais ricos banqueiros a quem o veterano juiz competente arbitraria essa fiança, como o teria feito por muito menos dinheiro a qualquer criminoso da mais baixa extracção.

Não sei se esses quatro homens são ou não são criminosos.

O que sei é que houve, pelo menos um motivo que os colocou como tais na presença da justiça, a qual, diga-se de passagem e para tranquilizá-los, tranquillizando as respectivas famílias, não lhes fará grande mossa, por muito grande que tenha sido o seu crime.

Nem grande nem pequena porque a justiça, que os antigos representavam vendada, só enxerga quando quer e pelo cantinho do olho, na certeza de que o fiel da sua balança poucas vezes se inclina para o lado que devia ser, assim como o seu gládio flamejante poucas vezes se descarrega sobre a cabeça dos criminosos que possuem ouro bastante para inclinar como lhes convém o prato da sua balança, duvidosamente afeita, se alguma vez foi sujeita a essa operação de *contrôle*.

Tranquilizem-se os banqueiros do *Crédito d'Anvers* e todos quantos, no decorrer do respectivo processo, se mostrarem seus... múltiplos e submúltiplos.

Não há de haver novidade e não lhes falta nem podia faltar a solidariedade de todos os homens do seu, para mim, pouco invejável *metier* que eu não trocaria pelo coito dos meus bolsos.

Eu não venho defendê-los nem justificá-los porque não tenho lanca nos auditórios desta nem doutra comarca nem careço de justificação o que pela sua própria natureza se justifica.

Nada disso.

Não venho, repito, defendê-los nem eles me dariam nem eu aceitaria procuração sua para qualquer dessas cousas.

Venho, apenas, consolá-los e recomendar-lhes coragem, porque não há de ser nada, se Deus quizer, e há de querer, porque o Altíssimo, na sua incomensurável sapiência e nos seus altos e incompreensíveis desígnios, sempre escreve direito por linhas tortas, quando não faz ao contrário.

Eles estão cu devem estar tristes e apreensivos, se bem que afixados.

A vergonha e o pânico dumas horas de calabouço ou detenção nos gabi-

netes do governo civil e nos cartórios da Boa-Hora devem tê-los mortificado bastante, por falta de costume.

E ainda bem que não estiveram metidos, por alguns mezes, como diversas criaturas tem estado por motivos diversos e menos graves, na cova funda do edificio da Parreirinha, em cujos calabouços de mui limitada capacidade para meia dúzia de pessoas tem coabitado, por vezes, perto dum cento delas, em cada um, sem se poderem mecher, dormindo em pé, numa promiscuidade horrível, como as latrinas fedorentas a um canto, escançadoras, e o rancho da casa, metido com a ponta da bti dos guardas por debaixo das grades da prisão, sem um agasalho, sem um sorriso de esposa, mãe ou irmã, sem nenhum conforto, sem algum carinho e sem uma cecilia de melo tostado para qualquer eventualidade.

Tudo isto e ainda muito mais, na perspectiva dum amanhã terrível, sem ver o céu por uma fenda ou por uma janela aberta, sem o beijo caridoso e animado dum pequeno raio de sol, por mezes a fio, numa angústia indizível e satanizante que eu já experimentei por diversas vezes, todas ellas por saber ler e escrever alguma coisa, que bem melhor me teria sido não possuir essas prendas, as únicas que meu pobre pai me deixou, à falta de outras.

Os pobres banqueiros ante ontem afixados na Boa-Hora, onde acudiu, em péso, o grande mundo da finança e da indústria para o que fosse necessário, numa admirável afirmação de solidariedade humana, a qual, pela sua espontaneidade, parece ter sido aprendida na envia das prisões onde os componentes dos baixos fundos sociais, sem excepção das meretrizes, ali arrastados pela moral burguesa, repartem entre si as suas tristes migalhas, encorajando-se, e transmitindo a sarna e os piolhos uns aos outros...

Os pobres negociadores do formidável empréstimo dos cinquenta milhões de dollars!

Como eu desejaria estar junto deles, só para lhes incutir a coragem que, pela leitura dos jornais, parece tê-los abandonado, quando, no seu automovel, seguem para a suportável prisão preventiva de algumas horas, nos calabouços particulares e nos gabinetes do governo civil.

Mas que fizeram esses quatro homens?

Qual o seu crime?

Terem nascido ricos?

Viverem ricos?

Morrerem na riqueza?

Mas isso de ser rico, de manusear milhões constantemente, deve ser uma estopada medonha, como é fazer sempre a mesma coisa numa oficina ou sobre as táboas dum andaim.

Os pobres e tristes banqueiros! Consolamos o seu infortúnio, esquecendo o mal que nos tem feito.

Tenho pena deles, a valer; sem ironia o digo.

